

Pesquisando a inteligibilidade entre o Hunsrückisch e o alemão *standard*

Karen Pupp Spinassé¹
Bruna Miskinis Salgado²

Resumo: O objetivo deste artigo é trazer os primeiros resultados oriundos de nossas pesquisas relativas às relações de intercompreensão entre o Hunsrückisch e o alemão *standard*. Estamos investigando os graus de inteligibilidade que falantes de Hunsrückisch apresentam quando confrontados com o alemão *standard* em modalidade oral, em um primeiro momento, com o objetivo de registrar as relações tipológicas entre essas variedades. Como previsto em nossas hipóteses iniciais, até mesmo pelo grau de parentesco muito estreito entre as línguas, os primeiros resultados indicam que o Hunsrückisch pode ser considerado muito próximo ao alemão *standard*, já que o número de itens não entendidos foi baixo. Esses resultados ainda não são conclusivos, e os próximos passos da pesquisa também serão apresentados no fim deste artigo.

Palavras-chave: Inteligibilidade; Intercompreensão; Hunsrückisch.

Zusammenfassung: Ziel dieses Beitrags ist es, die ersten Ergebnisse unserer Forschung über die Interkomprehension zwischen dem Hunsrückischen und dem Standarddeutschen vorzustellen. Wir untersuchen den Verstehbarkeitsgrad, den Hunsrückisch-Sprecher bei mündlicher Auseinandersetzung mit dem Standarddeutschen aufweisen, um auf dieser Basis die typologischen Beziehungen zwischen diesen Varietäten zu erfassen. Wie in unseren Hypothesen behauptet, deuten die ersten Ergebnisse darauf hin, dass das Hunsrückische u. a. auch aufgrund der sehr engen Verwandtschaft mit dem Standarddeutschen dieser Sprache typologisch sehr nahe ist, da die Anzahl der missverstandenen Elemente gering war. Diese Ergebnisse sind jedoch nicht endgültig, die nächsten Forschungsschritte werden daher ebenfalls am Ende dieses Artikels vorgestellt.

Keywords: Verstehbarkeit; Interkomprehension; Hunsrückisch.

1 Introdução

O presente artigo apresenta os primeiros resultados das atividades desenvolvidas, até o momento, no âmbito do projeto de pesquisa “Graus de Inteligibilidade e Intercompreensão entre o Hunsrückisch e o alemão *standard* (GIHA)”, que vem sendo desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com a *Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt* (KU), Alemanha. Esse projeto foi idealizado a partir de interesses científicos em comum entre pesquisadores de ambas as instituições e se ocupa com pesquisas teóricas e de campo relacionadas ao

¹ Doutora em *Deutsch als Fremdsprache* pela *Technische Universität Berlin* e pós-doutora na área de Bilinguismo e Educação Bilingue pela *Universität Potsdam* e pela *Friedrich-Alexander-Universität Erlangen-Nürnberg*. Professora do Setor de Alemão e do PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). spinasse@ufrgs.br

² Bacharel em Letras Inglês-Português e ex-bolsista de Iniciação Científica (BIC UFRGS; PIBIC CNPq-UFRGS). brunamiskinis@gmail.com

tema da inteligibilidade e da intercompreensão, focando nas relações específicas que são estabelecidas entre línguas próximas (cf. KÜRSCHNER; GOOSKENS, 2011). Nesse sentido, o projeto visa a medir o grau de inteligibilidade entre o Hunsrückisch, língua de imigração de base alemã falada especialmente no sul do Brasil, e o alemão *standard* atual, a fim de registrar, sistematicamente, as relações tipológicas existentes entre as duas línguas.

Como o Hunsrückisch tem sua origem na língua alemã (ALTENHOFEN, 1996; ZIEGLER, 1996), o estreito parentesco entre as duas variedades é inegável. Contudo, o desprestígio e o *status* negativo de língua minoritária de imigração não deixa o Hunsrückisch se valer do possível bônus que essa proximidade poderia trazer (PUPP SPINASSÉ, 2006). Em ambiente escolar, por exemplo, raras são as vezes em que professores permitem ou proporcionam que falantes de Hunsrückisch façam relações entre sua língua materna e a variedade *standard* que aprendem em sala de aula. Assim, acreditamos que a sistematização das relações tipológicas próximas entre Hunsrückisch e alemão *standard* possa auxiliar para que a língua minoritária não seja reduzida a uma “mistureba” aleatória que em nada teria a ver com o alemão falado atualmente na Alemanha, ou a uma “versão errada” deste (vide PUPP SPINASSÉ, 2011). Com isso, objetivamos dar nossa contribuição para caracterizar o *status* linguístico do Hunsrückisch e, conseqüentemente, também para legitimar seu uso como língua-ponte para se acessar ou para se chegar ao alemão *standard* (cf. PUPP SPINASSÉ, 2016).

A pesquisa teórica realizada no âmbito do projeto, na qual delinhamos os conceitos fundamentais para a nossa pesquisa, será trazida na seção 2 deste artigo. Na seção 3, apresentaremos o projeto GIHA e seus objetivos. Na seção 4, serão descritos os procedimentos de análise dos primeiros dados – compostos por entrevistas já existentes, disponíveis no banco de dados do projeto ALMA-H –, na qual identificamos palavras em alemão *standard* que geraram dificuldade de compreensão para os informantes falantes de Hunsrückisch. Na seção 5, apresentamos alguns dados da análise, como as estatísticas dessas palavras e uma tabela com a Distância de Levenshtein das mesmas. Ao final, junto às conclusões, descreveremos os próximos passos da pesquisa e as perspectivas futuras.

2. Balizando os conceitos

Campo da linguística variacional, de perspectiva perceptual, a inteligibilidade é definida por Casad (2005) como a área de estudos que determina o grau em que alguém consegue entender uma mensagem escrita ou oral em outra língua. As investigações na área compreendem, portanto, desde o entendimento no nível textual (DELSING; LUNDIN-ÅKESSON, 2005) até o entendimento no nível lexical (KÜRSCHNER, 2013; 2014; KÜRSCHNER; GOOSKENS; van BEZOOIJEN, 2008), observando as estratégias de compreensão utilizadas pelos falantes (KÜRSCHNER, 2013; 2014).

O termo inteligibilidade pode ser equiparado ao termo intercompreensão. Contudo, este último já foi bastante utilizado na literatura, em variados estudos de diferentes países, sempre abordando a compreensão leitora de indivíduos que são confrontados com textos escritos em uma língua próxima à sua (vide CARULLO; TORRE, 2009; CASTAGNE, 2002; 2010; LÓPEZ BARRIOS, 2011; MEISSNER et al., 2011). Por esse motivo, como nos concentramos mais na compreensão oral, optamos por utilizar o termo inteligibilidade, para deixar nosso foco de estudo mais específico e não gerar falsas expectativas (vide GOOSKENS, 2006; KÜRSCHNER; GOOSKENS; van BEZOOIJEN, 2008).

Os testes para se medir o grau de inteligibilidade em relação a uma dada língua variam de acordo com o nível linguístico e as variáveis consideradas (GOOSKENS, 2013). Os motivos para diferentes graus de inteligibilidade entre línguas de uma mesma família são geralmente atribuídos a fatores linguísticos e a fatores extralinguísticos.

A distância fonética e lexical entre línguas próximas, principal fator linguístico de influência no estabelecimento do grau de inteligibilidade, pode ser mensurada a partir de uma medida normalizadora, denominada de Algoritmo de Levenshtein (NERBONNE; HEERINGA, 2010; BEIJERING; GOOSKENS; HEERINGA, 2008). Já os fatores extralinguísticos são geralmente diagnosticados em entrevistas sociolinguísticas e a partir de observações de cunho etnográfico.

Olmsted (1954), por exemplo, já na década de 50, observara que a inteligibilidade entre os falantes das línguas nativas americanas Achumawi e Atsugewi não era simétrica, uma vez que os Atsugewi compreendiam os Achumawi, mas o contrário não se aplicava. Em suas pesquisas, ele constatou que fatores linguísticos não conseguiam explicar os resultados obtidos. Ele observou, entretanto, que as relações

sociais entre os grupos eram bem peculiares, concluindo que essas relações eram a base dessa assimetria, pois influenciavam com aspectos ligados a atitudes linguísticas concebidas socialmente. Gooskens (2006) também testou a relevância de fatores extralinguísticos para dar suporte às possíveis explicações aos fenômenos que aparecem em estudos de inteligibilidade, confirmando sua importância.

Além de estudos que abordam línguas próximas, existem também pesquisas que observam a inteligibilidade entre variedades dialetais. Schmitt (1997), por exemplo, investiga a inteligibilidade entre dialetos renanos e moselanos na Alemanha.

Nas pesquisas de campo a serem realizadas, pretendemos analisar, prioritariamente, como já mencionado anteriormente, a compreensão que falantes de Hunsrückisch têm do alemão *standard* ao serem expostos a esta variedade em modalidade oral. Pelo menos em um primeiro momento, a compreensão leitora, por diversos fatores, não será investigada. Por isso, basear-nos-emos nas teorias de inteligibilidade para definir as relações entre as duas variedades. Num momento posterior, contudo, a intercompreensão também será visada, para auxiliar a estabelecer estratégias de uso do Hunsrückisch como ponte para o aprendizado do alemão *standard*.

A intercompreensão pode ser caracterizada por uma comunicação plurilíngue (intercultural), na qual o falante se utiliza de sua ou de suas línguas de referência e procura compreender textos em línguas tipologicamente próximas que, contudo, não fazem parte do seu repertório. A intercompreensão é vista também como uma área recente na didática de línguas, ainda pouco explorada no Brasil, pois é um método de ensino e comunicação (SÁ, 2013). Nesse método didático, privilegia-se, como podemos observar em materiais de intercompreensão dos projetos que compõem o EuroCom (HUFEISEN; MARX, 2007), competências linguísticas parciais e o desenvolvimento de estratégias para acessar, com rapidez, a compreensão global e específica de textos na outra língua. Para tanto, o conceito de cognatos assume um papel central.

Cognatos são palavras que apresentam uma mesma origem etimológica, derivadas de um vocabulário de herança comum entre línguas tipologicamente próximas. Essa base comum, ao longo dos anos, sofre modificações devido a migrações das suas populações, a ocupações de territórios distintos, à formação de grupos/nações distintas, a standardizações diferentes entre línguas e a mudanças linguísticas diversas. Apesar disso, muitos são os cognatos entre línguas próximas que são transparentes para

a outra língua, ou seja, podem ser reconhecidos pelo falante e, dessa forma, também utilizados para o aprendizado facilitado da outra língua.

Hufeisen (2003) ressalta a importância de se utilizar conhecimentos linguísticos prévios no processo de ensino/aprendizagem de uma nova língua, para que este não se transforme em um processo automático de memorização. Para tal, estratégias de compreensão podem ser de grande valia. Nesse âmbito, pesquisas acerca do aprendizado de línguas próximas ajudam a responder alguns questionamentos, indo além da análise de erros e do trabalho com falsos cognatos, ao que, muito constantemente, os trabalhos sobre o tema se atêm (GRANNIER; CARVALHO, 2001; CASTANHEIRA, 2007; ALVAREZ, 2009; FIALHO, 2005). Nesse sentido, exemplos como o da Suíça (BUHOFER; BURGER, 1998; STUDER, 2002), bem como exemplos de estudos feitos na Alemanha em contextos onde um dialeto alemão é falado (BASSLER; SPIERKERMANN, 2001; SCHMITT, 1997), são bastante relevantes, pois tratam do ensino de língua-padrão para falantes de dialetos dessas línguas em uma dimensão de dialetologia maior do que a que temos no Brasil com o português (mas semelhante à que temos nos contextos bilíngues de contato português-Hunsrückisch).

Como já citado anteriormente, diretamente relacionadas à intercompreensão, as experiências dos projetos InterRom (CARULLO; TORRE, 2009), EuroComRom (STEGMANN; KLEIN, 1999) e EuroComGerm (HUFEISEN; MARX, 2007), bem como as críticas a essa concepção EuroCom, levantadas por Berthele et al. (2011), são norteadoras para, ao entendermos as delimitações do termo *intercompreensão*, podermos definir também *inteligibilidade*. Para tal, reforçarão as nossas reflexões principalmente os estudos de Gooskens (2006; 2007; 2013) e de Kürschner (2013; 2014), que trabalham com a inteligibilidade entre línguas germânicas.

Pretende-se que os testes de inteligibilidade conduzidos para o Hunsrückisch possam servir para produzir, sequencialmente, materiais didáticos pautados na intercompreensão entre o Hunsrückisch e a variedade *standard* da língua alemã ou, ainda, outras línguas germânicas próximas. Um trabalho nesse sentido, além de oferecer todas as vantagens da didática de ensino de línguas intercompreensivas (como sensibilização às línguas próximas, ampliação de vocabulário, desenvolvimento do conhecimento etimológico, constituição de estratégias para leitura de textos em línguas próximas, etc.) também desempenharia um papel importante no contexto atual do

Decreto Nacional 7.387/2010 do Inventário Nacional da Diversidade Linguística³ e dos Decretos Municipais de Cooficialização do Hunsrückisch⁴, fomentando uma didática do multilinguismo e o resgate da identidade cultural desses falantes.

3. O projeto GIHA

O objetivo geral da pesquisa que apresentamos aqui é, primeiramente, o de registrar sistematicamente, pela primeira vez, o grau inteligibilidade que falantes de Hunsrückisch possuem em relação ao alemão *standard*. Para tanto, buscamos dar conta dos seguintes objetivos/procedimentos específicos:

- 1) Analisar como falantes de Hunsrückisch se utilizam de suas competências linguísticas e como aplicam sua percepção sobre variação;
- 2) apresentar a teoria acerca dos temas “inteligibilidade” e “intercompreensão”, balizando conceitos que cercam esses fenômenos, como a questão das línguas próximas, do ensino de línguas terciárias de forma geral, do conceito de “língua-ponte”, “cognatos”, etc.;
- 3) estabelecer, através de estudos linguístico-etimológicos, os cognatos, as expressões transparentes e os não cognatos que serão utilizados, a fim de se poder responder à pergunta sobre o grau de inteligibilidade em todas essas categorias;
- 4) analisar a inteligibilidade percebida pelos falantes de Hunsrückisch do alemão *standard* através de um questionário que apresentará palavras em alemão *standard* e pedirá para que elas sejam traduzidas ou explicadas em Hunsrückisch ou português.

Ademais, como já mencionado, um objetivo geral mais secundário (não menos importante, secundário por ser um objetivo mais de médio prazo) é o de que os resultados desse registro sirvam como respaldo para o desenvolvimento de materiais e estratégias didáticas que visem ao uso do Hunsrückisch como língua-ponte para o ensino formal do alemão *standard* (cf. PUPP SPINASSÉ; KÄFER, 2017).

³ Documento disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7387.htm> – último acesso em 01 jun. 2019.

⁴ Como, por exemplo, a Lei Municipal 132/2010 de Antônio Carlos (SC), disponível em: <<https://www.antonio-carlos.sc.gov.br/legislacao/index/detalhes/codMapaltem/33804/codNorma/2987>> – último acesso em 01 jun. 2019.

Como língua minoritária, o Hunsrückisch possui, de maneira geral, um *status* negativo na sociedade, inclusive em meio aos seus falantes. Entretanto, partimos da hipótese de que o falante de Hunsrückisch consegue entender, sem muitos problemas, a língua alemã *standard*, que apresentaria, assim, um alto grau de inteligibilidade com o Hunsrückisch. Nesse sentido, a relevância do projeto se apresenta em dois âmbitos: no âmbito linguístico, ao buscar apresentar o estreito parentesco tipológico entre essas línguas, através de evidências linguísticas; e no âmbito social, ao mostrar que o Hunsrückisch é uma língua legítima como qualquer outra e ao apresentar a função de “língua-ponte” que o Hunsrückisch pode exercer para o alemão *standard*, fazendo com que a língua minoritária passe a ser vista perante o senso-comum como uma vantagem, fomentando, assim, o multi e o plurilinguismo.

Consideramos essa pesquisa relevante também por contribuir para a postulação de conceitos e definições sobre o tema, ainda não muito explorado em pesquisas no Brasil. A justificativa do projeto se dá, portanto, por entendermos a importância dos resultados que o mesmo trará, já que se trata de um tema de suma importância, de grande pertinência, e que está inserido em uma preocupação de nível internacional: o multilinguismo.

4. Coleta de dados

A primeira etapa de coleta de dados do projeto GIHA consistiu em uma consulta ao banco de dados do projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch), coordenado pelo Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, da UFRGS, e pelo Prof. Dr. Harald Thun, da Christian-Albrechts-Universität zu Kiel (CAU), Alemanha, e baseado no modelo teórico da dialetologia pluridimensional e contatual (THUN, 2005).⁵ O acervo desse projeto, que investiga o Hunsrückisch e seus contatos linguísticos a fim de registrá-los e catalogá-los em forma cartográfica, foi formado a partir de entrevistas sociolinguísticas com falantes de Hunsrückisch, as quais foram gravadas em áudio e transcritas nos chamados questionários, resultando em uma coleta ampla e rica em informações linguísticas e sociolinguísticas relativas ao Hunsrückisch e a seus falantes. As entrevistas foram realizadas com diversos informantes em 41 diferentes

⁵ Para mais dados sobre o projeto ALMA-H vide <www.ufrgs.br/projalma> – último acesso em 27 de maio de 2019.

localidades entre o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Argentina e Paraguai.

O trabalho que realizamos com os dados do ALMA-H consistiu na leitura de trechos dos questionários e na oitiva de parte do material gravado, analisando-os. As entrevistas (e, conseqüentemente, os questionários) do projeto ALMA-H foram/são divididos em cinco partes (A- Informantes; B- Localidade; C- Língua; D- Leituras; e E- Temas para Conversas Livres). A parte C (Língua), por sua vez, que é a maior delas, é subdividida em três capítulos (1- Léxico, 2- Fonologia e 3- Gramática). Os dados analisados para a nossa pesquisa pertencem ao capítulo 3 (Gramática) da parte C (Língua). Esse capítulo levantava dados gramaticais através da produção controlada de frases pelos informantes. Havia três diferentes tarefas específicas para tal: passar frases do alemão *standard* para o Hunsrückisch; passar frases do português para o Hunsrückisch; e passar frases do português para o alemão *standard*. De todos os dados disponíveis em cada questionário, portanto, foram utilizados, para a nossa análise, apenas os itens coletados da tarefa 1 do capítulo 3 da parte C, na qual o/a pesquisador(a) lê frases em alemão *standard* (conhecidas como *Wenker-Sätze*) e os informantes traduzem-nas para o Hunsrückisch.

De um total de 43 frases propostas no questionário para essa tarefa, três foram suprimidas das entrevistas, de forma que 40 frases foram aplicadas no total nesse trecho das entrevistas. Como citado acima, elas foram aplicadas em diversas regiões onde houve imigração de língua alemã, mas, para nossa pesquisa, foram selecionadas apenas 12 localidades, numeradas pelo projeto ALMA-H de RS02 até RS13.⁶ Dentro de cada localidade, os informantes foram divididos pelo grau de educação formal: no grupo Cb, os informantes tinham dentre nenhum até 11 anos de escolaridade, enquanto no grupo Ca os informantes tinham mais de 11 anos de escolaridade. Esses grupos foram subdivididos por idade, sendo que os informantes da GI eram falantes de Hunsrückisch entre 18 e 35 anos, enquanto os da GII eram falantes com mais de 55 anos. Dessa forma, cada localidade foi subdividida em quatro grupos: CaGI, CaGII, CbGI e CbGII. Cada subgrupo era composto de duas e quatro pessoas, equilibrando-se entre homens e mulheres; porém, para alguns subgrupos, não foram encontrados

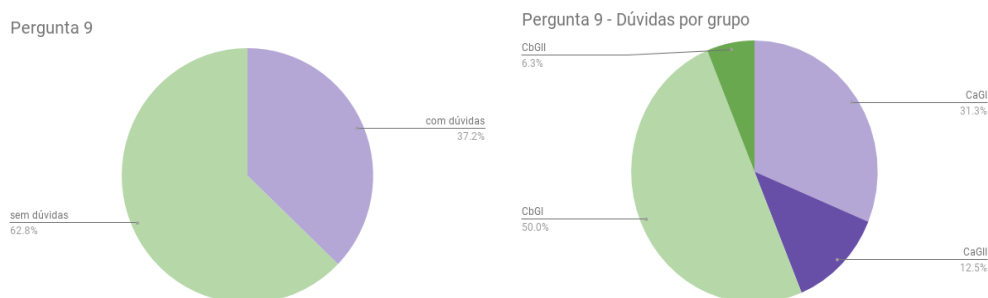
⁶ Para limitar o escopo da pesquisa, ativemo-nos a localidades que pertencem às chamadas “colônias velhas”, pois elas talvez tenham mais tradição na manutenção da língua minoritária local.

informantes. No total, contabilizando as 40 frases multiplicadas pelo número de informantes dos 12 pontos selecionadas, foram analisadas 1.680 frases.

A análise foi feita com base nas reações e comentários de entrevistadores e participantes. Palavras foram caracterizadas como “não entendidas” ou “de difícil compreensão” quando os informantes mostravam receio ou quando faziam questionamentos a respeito de significado, tendo os entrevistadores que explicar alguma coisa nesse sentido. Ou seja, não avaliamos o mérito da correção ou o “acerto” em termos de tradução, pois não necessariamente havia uma resposta certa. Por isso, foram selecionadas somente falhas apontadas pelos entrevistadores ou participantes.

Não citaremos todas as ocorrências, mas, a título de ilustração, trazemos como exemplo de análise as frases 9 (*Ich bin selber bei der Frau gewesen und habe es ihr gesagt. Und sie sagte, sie wolle es auch ihrer Tochter sagen*) e 42 (*Jetzt steht er gerade in der Tür und will in die Kirche*).

Gráficos 1 e 2: Percentuais de dúvidas surgidas na pergunta 9



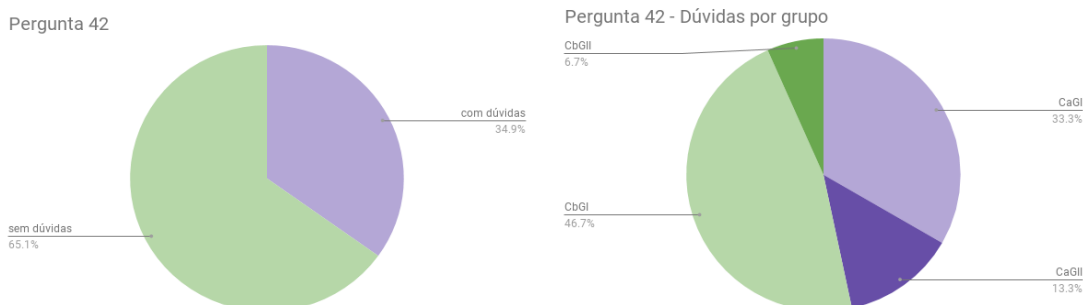
Fonte: elaborado pelas autoras

Quadro 1: Palavras-problema da pergunta 9 (*Ich bin selber bei der Frau gewesen und habe es ihr gesagt. Und sie sagte, sie wolle es auch ihrer Tochter sagen*)

palavras problema	reação falantes	acharam que era	repetida esclarecida			solução final falante
			DE	PT	DE	
Tochter	"Tochter é...?"/"não sei, não me lembro"/"que que é Tochter?"	médico/doutor/ Schwester/vó/ge	x	x	x	Medsohn/ Mede/Kind/ Mädche/ Mähre
sagt/sagte/gesagt				x		saht/gesaht
gewesen	"gewesen não sei que que é"	saber		x	x	gewehnt/ gewehen/ gewesst
ihr		hin		x		denne/dene/ eihre

Fonte: elaborado pelas autoras

Gráficos 3 e 4: Percentuais de dúvidas surgidas na pergunta 42



Fonte: elaborado pelas autoras

Quadro 2: Palavras-problema da pergunta 42 (*Jetzt steht er gerade in der Tür und will in die Kirche*)

palavras problema	reação falantes	acharam que era	repetida DE	esclarecida PT	esclarecida DE	solução final falante
gerade	"was ist gerade?"	do lado	x	x	x	gerod/gerad/grad
Kirche	"Kerech oder Küche?"	Küche	x	x		Kerech/Kerch/Kerich/Kirich

Fonte: elaborado pelas autoras

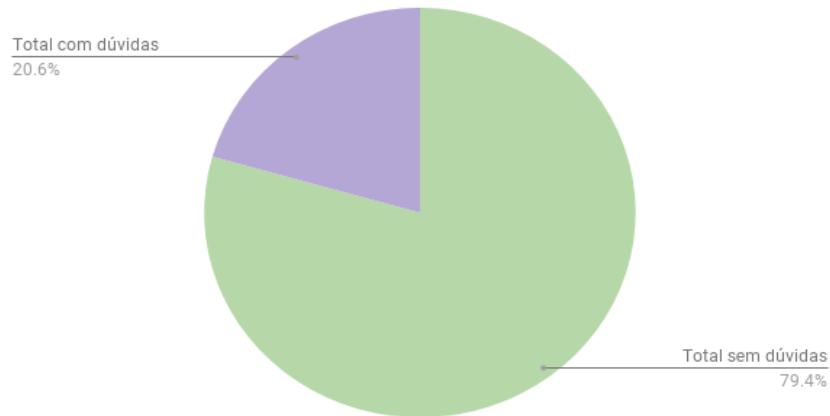
A análise desses dados preliminares do acervo do projeto ALMA-H foi primordialmente quantitativa, abrangendo, como já mencionado, as entrevistas de 12 pontos da rede do projeto (as assim chamadas colônias velhas). O objetivo era reconhecer quando a frase gerava alguma dificuldade ao informante, como dúvida no reconhecimento de dada palavra alemã ou dificuldade ao traduzi-la para o Hunsrückisch. Elas servem de “termômetro” para apoiarmos nossas hipóteses para a pesquisa de campo prevista no GIHA. No capítulo a seguir, apresentamos o resumo da análise quantitativa total das 40 frases.

5. Análise dos dados

Os dados coletados apontam que apenas 20,6% das 1.680 frases (ou seja, 346 frases) geraram qualquer dificuldade, o que parece sugerir que existe uma alta inteligibilidade entre o Hunsrückisch e o alemão *standard*.

Gráficos 5: Percentual total de dúvidas surgidas em todos os áudios analisados

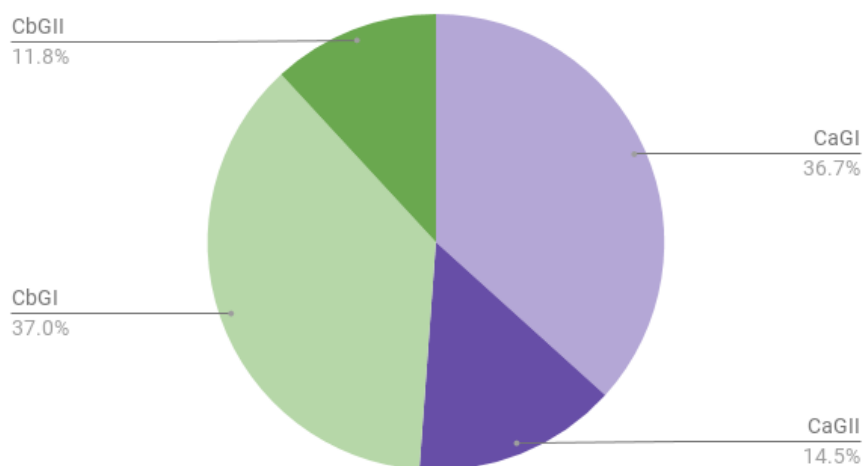
Total de áudios com e sem dúvidas



Fonte: elaborado pelas autoras

Se analisarmos esses resultados por grupos, as dúvidas se apresentaram em maior proporção nos grupos com falantes mais jovens, como pode ser visto no Gráfico 6, abaixo.

Gráfico 6: Total de dúvidas por grupos



Fonte: elaborado pelas autoras

Como podemos observar, foi encontrada uma maior facilidade de compreensão entre os grupos com pessoas mais velhas, sendo 73,7% das dúvidas encontradas nos grupos de jovens. Na geração mais velha, portanto, essa estatística de frases não

compreendidas, dentro do quadro geral de todas as frases analisadas, baixa para menos de 6%. Isso parece evidenciar o processo de distanciamento que ocorreu entre o Hunsrückisch e o alemão *standard*, que ocorre porque as línguas não estão mais em contato.

5.1. Distância Levenshtein

Para obter dados mais objetivos sobre a inteligibilidade entre as duas línguas, fizemos uma análise utilizando o cálculo da Distância Levenshtein (NERBONNE; HEERINGA, 2010; BEIJERING; GOOSKENS; HEERINGA, 2008). A Distância Levenshtein (DL) é uma forma de medir a semelhança entre duas palavras⁷ e é calculada conforme o número de caracteres que precisam ser alterados para uma palavra chegar à outra. Por exemplo, a DL entre “texto” e “texto” é 0, pois nenhum caractere é alterado entre elas. Entre as palavras “texto” e “testo”, a DL é 1, pois a única alteração foi de “x” para “s”. Já entre “texto” e “textual” é 3, pois um caractere foi modificado e outros dois foram adicionados. Ou seja, quanto menor a Distância Levenshtein, mais semelhantes/tipologicamente próximas são consideradas as palavras e, conseqüentemente, as variedades em questão.

A DL também considera adições e subtrações de caracteres no meio da palavra, como, por exemplo, entre “compreendido” e “compreendo”: ao invés de considerar os últimos três dígitos, o sufixo “-ido”, como sendo apagado e substituído por “-do”, o algoritmo considera como apagados apenas os dígitos “-id-”, sendo mantido o “-o”, de forma que a DL entre essas duas palavras é 2, e não 3.

Utilizando essa medida, apresentamos, a seguir, algumas palavras em alemão *standard* e as traduções sugeridas pelos falantes nativos de Hunsrückisch, com a DL entre elas. Para esse cálculo foi usada uma calculadora online⁸.

⁷ Atualmente, o Algoritmo de Levenshtein também é usado para medir a semelhança entre duas linhas de código de programação.

⁸ Disponível no site <<http://www.unit-conversion.info/texttools/levenshtein-distance/>> – último acesso em 27 de maio de 2019.

Tabela 1: Distância Levenshtein de palavras entre Hunsrückisch e alemão *standard*

Alemão <i>standard</i>	Nº de letras	Hunsrückisch	Nº de letras	Distância Levenshtein
Hättest	7	Häsht	5	4
Hättest	7	Härrest	7	2
Gekannt	7	Gekenen	7	3
Gekannt	7	Gekennt	7	1
Gekommen	8	Komm	4	4
Gekommen	8	Kommen	6	2
Gänsen	6	Gänsen	6	0
Gänsen	6	Gänse	5	1
Kirche	6	Kerech	6	3
Kirche	6	Kerch	5	2
Kirche	6	Kerich	6	3
Kirche	6	Kirich	6	2

Fonte: elaborada pelas autoras

A Distância Levenshtein parece uma forma prática e objetiva de se medir a distância entre duas línguas, porém, ela não necessariamente representa um resultado preciso no que diz respeito efetivamente à inteligibilidade. Como se vê na tabela acima, *Gänsen* possui DL 0. Ela é escrita da mesma forma tanto em alemão *standard* quanto em Hunsrückisch, mas, mesmo assim, apresentou diversas ocorrências de falta de compreensão. Isso revela que o cálculo da DL sozinho pode dar indícios da proximidade das línguas, mas não é a resposta para o grau de inteligibilidade que falantes dessas línguas terão da outra variedade, principalmente em modalidade oral. Por isso, uma análise qualitativa sempre deve ser aliada ao cálculo da DL.

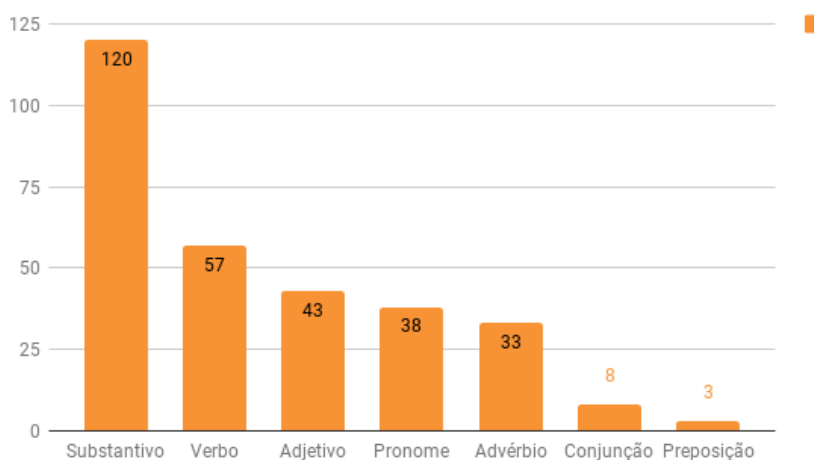
5.2. Classificação gramatical

Ao analisar os áudios, foi constatado que, dos 346 áudios que apresentaram problemas de compreensão, 60,9% (210 expressões) apresentaram somente uma palavra-problema; apenas 12,2% (42 expressões) apresentaram mais de uma ocorrência na mesma frase. Os outros 27% (93 expressões) que geraram ocorrências

não permitiram a identificação exata da palavra-problema (por exemplo, com o entrevistado dizendo “eu não entendi essa frase”).

Dessa forma, quando possível, a palavra-problema foi identificada e classificada. Por exemplo, na primeira frase aplicada com o grupo RS07 CaGI (*Im Winter fliegen die trockenen Blätter in der Luft herum*), os entrevistados repetiram diversas vezes as palavras *trockenen* e *herum*, até que o entrevistador explicou o significado. Então, essa frase apresenta duas ocorrências de palavra-problema, sendo uma delas um adjetivo e a outra um advérbio. Uma tabela foi criada com essas informações e, a partir dela, podemos ver que o maior número de ocorrências de palavras-problema foi na classe dos substantivos (com 120 ocorrências), enquanto os verbos ficaram com o segundo maior número de ocorrências (57 ocorrências). Os resultados podem ser observados no Gráfico 7, abaixo.

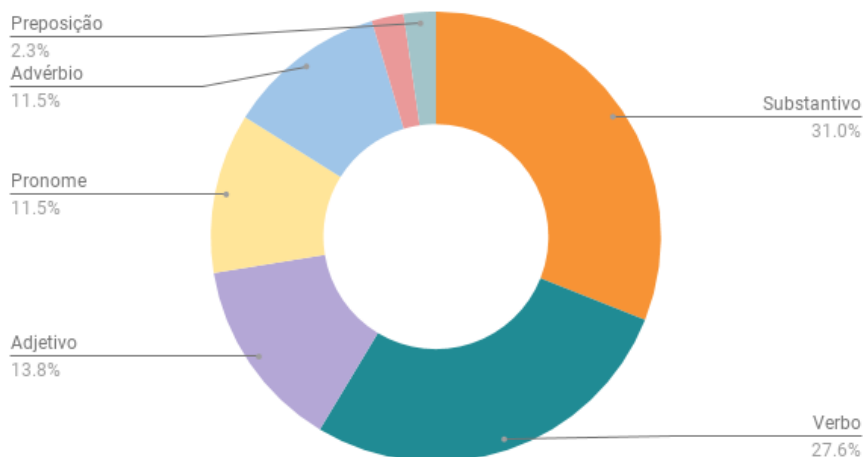
Gráfico 7: Ocorrências por classe gramatical



Fonte: Elaborado pelas autoras

No entanto, quando consideramos as ocorrências únicas, ou seja, sem contabilizar quantas vezes aquela mesma dificuldade apareceu, apenas listando a palavra que gerou a dificuldade uma vez na nossa estatística, o número de ocorrências de substantivos e de verbos fica muito mais próximo, com 27 e 24 ocorrências únicas, respectivamente. Isto é, de todas as palavras-problema, se contabilizadas uma única vez, 27 são substantivos e 24 são verbos. A porcentagem de ocorrências únicas pode ser vista no Gráfico 8, abaixo.

Gráfico 8: Ocorrências únicas por classe gramatical



Fonte: Elaborado pelas autoras

A partir dessa análise e dos resultados encontrados será elaborado o questionário para aplicação aos falantes de Hunsrückisch em uma pesquisa de campo na segunda etapa da pesquisa. Por exemplo, diferentemente de Kürschner (2008) e Kürschner; Gooskens (2011), com base nesses dados preliminares, abordaremos, além de substantivos, também verbos em nossa pesquisa, uma vez que a análise nos apontou também boa ocorrência de dados relevantes sobre a compreensão nessa categoria.

6. Próximas atividades e conclusão

A segunda parte da pesquisa, que será iniciada assim que o projeto for aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, consiste na aplicação de testes de oitiva e resposta com falantes de Hunsrückisch. Esses testes estão sendo elaborados com base nos testes aplicados por Kürschner; Gooskens; van Bezooijen, (2008) e por Kürschner; Gooskens, (2011).

Esse levantamento empírico será feito com informantes de comunidades de fala de Hunsrückisch, observando os critérios metodológicos da dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 2005), ou seja, abarcando tanto informantes mais jovens quanto mais velhos, com mais e com menos escolaridade, de ambos os sexos. Escolheremos os informantes de acordo com a rede de pontos do projeto ALMA-H, sendo eles de pelo menos duas localidades da assim chamada área “Tipo *Deutsch*” e de pelo menos duas localidades da grande área de fala de Hunsrückisch “Tipo *Deutsch*” (cf. MEYER, 2009).

Os dados serão obtidos através de traduções espontâneas (do alemão *standard* para o Hunsrückisch ou para o português) de palavras, disponibilizadas através de áudio, que virão ou de forma isolada ou dentro de uma frase contextualizada. O procedimento metodológico de ida a campo também seguirá os critérios adotados no projeto ALMA-H: dois entrevistadores irão até as localidades selecionadas, onde os informantes serão esclarecidos sobre a pesquisa e receberão o TCLE, assinando-o ou não, de acordo com sua disposição para tal. Uma vez optando por participar da pesquisa, iniciar-se-ão as tarefas de compreensão, que consistem em ouvir gravações de áudio através de aparelho apropriado e fones de ouvido e fornecer as traduções espontâneas em voz alta. Essas traduções serão gravadas em áudio e serão feitas anotações sobre as reações dos informantes em diários de pesquisa.

As palavras que comporão o *corpus* da pesquisa empírica, de diferentes categorias (cf. PUPP SPINASSÉ, 2017), serão selecionadas a partir dos dados já analisados anteriormente, acrescidos de outros itens presentes nos questionários do ALMA-H que não tenham aparecido em nossa análise anterior. Serão selecionadas para as tarefas de compreensão:

- palavras cognatas transparentes (como *Mund, Zähne, Grippe*);
- palavras cognatas que apontem divergência de significado (como *Unterricht, Luftschiff*);
- palavras não cognatas que podem ser entendidas dentro de um contexto (como *Schnuller, Turnhose, streiten, buschen*);
- compostos não cognatos que, mesmo como palavra isolada, são transparentes e podem ser entendidas (como *Käsefuß, Spießbraten, Kleiderbügel*).⁹

Os dados serão, posteriormente, avaliados e medidos de acordo com o algoritmo de Levenshtein (NERBONNE; HEERINGA, 2010; BEIJERING; GOOSKENS; HEERINGA, 2008), para se determinar o grau de inteligibilidade, avaliando se os resultados são igualmente altos para as categorias elencadas ou se há disparidade entre elas. A análise, contudo, também será quantitativa nessa nova etapa: buscaremos descrever fenômenos e reproduzir os comentários metalinguísticos que os participantes

⁹ Cf. PUPP SPINASSÉ, 2017

trouxerem, para analisar as competências linguísticas das quais lançam mão e como percebem a questão da variação linguística.

Os resultados obtidos com o teste de oitiva e resposta com falantes de Hunsrückisch serão mais precisos dos que os obtidos até agora, pois será feito com o objetivo específico de observar a inteligibilidade entre o Hunsrückisch e o alemão *standard*. Com esse resultado, esperamos contribuir para que o prestígio do Hunsrückisch aumente, assim como o seu uso como língua-ponte para o alemão *standard*.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.
- ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. A lingua(gem) nossa de cada dia: o componente fraseológico no ensino de línguas próximas (ELE e PLE). In: *Anais do I Simpósio Internacional de Língua Espanhola*. São Paulo: Instituto Cervantes, 2009.
- BASSLER, Harald; SPIERKERMANN, Helmut. Dialekt und Standardsprache im DaF-Unterricht. Wie Schüler urteilen – wie Lehrer urteilen. In: *Linguistik online*, v. 2, n. 2, 2001.
- BEIJERING, Karen; GOOSKENS, Charlotte; HEERINGA, Wilbert. Predicting intelligibility and perceived linguistic distance by means of the Levenshtein algorithm. In: *Linguistics in the Netherlands*, 2008, p. 13-24.
- BERTHELE, Raphael et al. Zu den Grenzen des EuroCom-Konzeptes für EuroComGerm – Zwischenfazit. In: OHNHEISER, Ingeborg; PÖCKL, Wolfgang; SANDRINI, Peter (Org.): *Translation – Sprachvariation – Mehrsprachigkeit. Festschrift für Lew Zybatow zum 60. Geburtstag*. Frankfurt a. Main: 2011. p. 483-498.
- BUHOFER, Annelies Häcki; BURGER, Harald. *Wie deutschschweizer Kinder Hochdeutsch lernen*. Stuttgart: Steiner, 1998.
- CARULLO, Ana María; TORRE, María Luisa. InterRom: un dispositivo didáctico para la intercomprensión en lenguas romances. In: *Synergies Chili* 5, 2009, 71-89.
- CASAD, E. Analyses of intelligibility/Verständlichkeitsanalyse. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (Org.). *An international handbook of the science of language and society*. Berlin; New York: de Gruyter, 2005. p. 1261–1272.
- CASTAGNE, Eric. Comment accéder à l'intercompréhension européenne: quelques pistes inspirées de l'expérience EUROM4. In: MÜLLER-LANCÉ, J.; RIEHL, C. M. (Org.) *Ein Kopf – viele Sprachen: Koexistenz, Interaktion und Vermittlung / Une tête–plusieurs langues: coexistence, interaction et enseignement* (Editiones EuroCom, Vol. 9). Aachen: Shaker Verlag, 2002. p. 99-107.
- _____. Systémiques, hiérarchisations et autonomisations: vers une dynamique évolutive et adaptative. In: DOYÉ, P.; MEISSNER, F.-J. (Org.) *Lernerautonomie durch Interkomprehension. Projekte und Perspektiven*. Tübingen: Narr, 2010. p.11-28.

CASTANHEIRA, Fábio. *Ensino-aprendizagem de língua estrangeira: desafios na aquisição de língua espanhola por alunos brasileiros*. Monografia de Especialização. Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2007.

DELSING, Lars-Olof; LUNDIN-ÅKESSON, Katarina. Håller språket ihop Norden? In: *forskningsrapport om ungdomars förståelse av danska, svenska och norska*. Copenhagen: Nordiska ministerrådet, 2005. p. 573.

FIALHO, Vanessa Ribas. *Proximidade entre línguas: algumas considerações sobre a aquisição do espanhol por falantes nativos de português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2005.

GOOSKENS, Charlotte. Linguistic and extra-linguistic predictors of Inter-Scandinavian intelligibility. In: van de WEIJER, Jeroen; LOS, Bettelou (Org.). *Linguistics in the Netherlands 23*. Amsterdam: John Benjamins, 2006, p. 101-113.

_____. The contribution of linguistic factors to the intelligibility of closely related languages. In: *Journal of Multilingual and multicultural development*, 28/6, 2007, p. 445-467.

_____. Methods for measuring intelligibility of closely related language varieties. In: BAYLEY, Robert; CAMERON, Richard; LUCAS, Ceil (Ed.) *Handbook of sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 195-214.

GRANNIER, Daniele Marcelle; CARVALHO, Ezamária Araújo. Pontos Críticos no Ensino de Português a Falantes de Espanhol: da observação do erro ao material didático. In: *Anais do IV Congresso da SIPLA*. Rio de Janeiro: SIPLA, 2001.

HUFEISEN, Britta. *Mehrsprachigkeitskonzept – Tertiärsprachen – Deutsch nach Englisch*. Strasbourg: Council of Europe Publishing, 2003. Disponível em: <<http://archive.ecml.at/documents/pub112g2003.pdf>>.

HUFEISEN, Britta; MARX, Nicole (Org.). *EuroComGerm – Die sieben Siebe: Germanische Sprachen lesen lernen*. Aachen: Shaker, 2007.

KÜRSCHNER, Sebastian. Strategies in the recognition of Dutch words by Germans. In: GOOSKENS, Charlotte; van BEZOOIJEN, Renée (Org.) *Phonetics in Europe. Perception and production*. Frankfurt: Peter Lang, 2013, p. 159-179.

_____. Von flacher Flagge und matter Macht: Verstehen niederländischer und schwedischer Kognaten durch Deutschsprachige. In: BERGMANN, Pia; BIRKNER, Karin; GILLES, Peter; SPIEKERMANN, Helmut; STRECK, Tobias (Org.) *Sprache im Gebrauch: räumlich, zeitlich, interaktional. Festschrift für Peter Auer*. Heidelberg: Winter, 2014, p. 35-53.

KÜRSCHNER, Sebastian; GOOSKENS, Charlotte; van BEZOOIJEN, Renée: Linguistic determinants of the intelligibility of Swedish words among Danes. In: *International Journal of Humanities and Arts Computing* 2 (1-2), 2008, 83-100.

KÜRSCHNER, Sebastian; GOOSKENS, Charlotte. Verstehen nah verwandter Varietäten über Staatsgrenzen hinweg. In: GLASER, Elvira; SCHMIDT, Jürgen E.; FREY, Natascha (Org.) *Dynamik des Dialekts – Wandel und Variation*. Akten des 3. Kongresses der Internationalen Gesellschaft für Dialektologie des Deutschen (IGDD). Stuttgart: Steiner, 2011, p. 159-184.

LÓPEZ BARRIOS, Mario. Descubriendo un mundo de similitudes y diferencias: intercomprensión en lenguas germánicas para hispanohablantes. In: *Lingüística en el Aula* 10, 2011, 9-20.

MEISSNER, F.-J.; CAPUCHO, F.; DEGACHE, C.; MARTINS, A.; SPITA, D.; TOST, M. (Org.) *Intercomprehension: Learning, teaching, research / Apprentissage, enseignement, recherche / Lernen, Lehren, Forschung*. Tübingen: Narr Verlag, 2011.

MEYER, Martina. *Deutsch ou Deutsch?* Macroanálise pluridimensional da variação do hunsrückisch rio-grandense em contato com o português. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

NERBONNE, John; HEERINGA, Wilbert. Measuring Dialect Differences. In: SCHMIDT, Jürgen E.; AUER, Peter (Ed.) *Language and Space: Theories and Methods in series Handbooks of Linguistics and Communication Science*. Berlin: Mouton De Gruyter, 2010, p. 550-567.

OLMSTED, David L. Achumawi-Atsugewi Non-reciprocal Intelligibility. In: *IJAL* 20, 1954, p. 181-184.

PUPP SPINASSÉ, Karen. Die Sprachattitüde im DaF-Unterricht in bilingualen Kontexten: Ergebnisse und Überlegungen aus einer angewandt-linguistischen Forschung. In: *Anais do XII Congresso Latinoamericano de Estudos Germanísticos*. Havana; Leipzig: ALEG, 2006. 12p.

_____. O Ensino de línguas em contextos multilíngues. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Org.) *Os Contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p. 423-443.

_____. Fazendo política linguística em sala de aula: ações didático-pedagógicas pela manutenção da língua minoritária Hunsrückisch. In: *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, v. 14, n. 26, 2016. p. 103-119.

_____. Contribuição do português para a constituição lexical do Hunsrückisch em situação de contato linguístico. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 13, 2017. p. 94-109.

PUPP SPINASSÉ, Karen; KÄFER, Maria Lidiani. A conscientização linguística e a didática do multilinguismo em contextos de contato português-Hunsrückisch. In: *Revista Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 42, 2017. p. 393-415,

SÁ, Maria Helena Araújo e. A Intercompreensão em Didática de Línguas: modulações em torno de uma abordagem interacional. In: *LINGVARVM ARENA*, v. 4, p. 79 – 106, 2013.

SCHMITT, Ernst H. *Interdialektale Verstehbarkeit. Eine Untersuchung im Rhein- und Moselfränkischen*. Stuttgart: Steiner, 1997.

STEGMANN, Tilbert D.; KLEIN, Horst G. *EuroComRom. Die sieben Sieben. Romanische Sprachen sofort lesen können*. Aachen: Shaker Verlag, 1999.

STUDER, Thomas. Dialekt im DaF-Unterricht? Ja, aber... In: *Linguistik Online*. v.10, n. 1, 2002.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria S. (Org.) *Estudos de Variação Lingüística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

ZIEGLER, Arne. *Deutsche Sprache in Brasilien: Untersuchungen zum Sprachwandel und zum Sprachgebrauch der deutschstämmigen Brasilianer in Rio Grande do Sul*. Essen: Die Blaue Eule, 1996.